

IDENTIDADE SOCIAL DE RAÇA E GÊNERO EM SALA DE AULA E O PAPEL DO PROFESSOR ENQUANTO EDUCADOR SOCIAL

THE SOCIAL IDENTITIES OF RACE AND GENDER IN THE CLASSROOM AND THE ROLE OF TEACHERS AS SOCIAL EDUCATORS

Keila de Oliveira¹
Aparecida de Jesus Ferreira²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo uma breve reflexão acerca de estudos sobre questões voltadas ao tema da identidade social de raça e de gênero e suas implicações nas salas de aula. Traz também uma abordagem no que se refere ao comprometimento do professor enquanto parte do processo de formação de identidades, e seu papel enquanto educador social, principalmente no que se refere a identidade(s) de raça e de gênero, tema que está em alta na nossa sociedade. A pergunta que se encontra respondida no artigo é: Quais são as perspectivas de abordar identidades sociais de raça e de gênero em sala de aula e o papel do professor? Para essas reflexões serão considerados autores como Domingues (2005), Gomes (2005), Hall (2011), Ferreira (2011, 2012, 2014) e Ribas Machado (2014), entre outros autores. As questões abordadas visam contribuir para que os docentes possam refletir como podem, enquanto professores, intervir positivamente para discutir sobre essas questões em sala de aula de maneira responsável. Desta forma é necessário perceber a necessidade de abordar o assunto de maneira esclarecedora, buscando garantir que as diferenças sejam respeitadas, visando construir uma sociedade plural, mas que se posicione intransigentemente em prol de igualdade de direitos.

Palavras-chave: Identidade social. Formação de professores. Educação social.

ABSTRACT

This article provides a brief reflection about studies of issues related to the social identities of race and gender, and their implications in the classroom. The article also discusses an approach regarding the commitment of

1 Graduada em Licenciatura em Pedagogia. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR, Brasil. E-mail: keilakdn@gmail.com

2 Professora associada da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), PR, Brasil. Pós doutora e doutora em Educação de Professores e Linguística Aplicada pela Universidade de Londres, Inglaterra. E-mail: aparecidadejesusferreira@gmail.com

teachers as part of the process of identity formation, as well as their role as social educators, especially with regard to race and gender identities, which are extremely important in Brazilian society. This article addresses the perspectives regarding addressing the social identities of race and gender in the classroom and the role of teachers in this process. The writings of authors such as Domingues (2005), Gomes (2005), Hall (2011), Ferreira (2011, 2012, 2014) and Ribas Machado (2014) will be discussed, among others. The issues highlighted in this article are intended to provide a reflection about how teachers can positively intervene in discussions about these themes in the classroom in a responsible way, realising the need to address these issues in an enlightening manner and seeking to ensure that differences are respected, in order to build a society that strives for equal rights.

Keywords: Social Identity. Teacher training. Social education.

INTRODUÇÃO

O discurso voltado à igualdade de direitos sociais tem se tornado cada vez mais efervescente na nossa sociedade, principalmente o discurso relativo às questões raciais e de gênero, visto que são temas que necessitam de aprofundamento a fim de criar medidas socioeducativas para neutralizar as marcas deixadas pelo preconceito e pela discriminação. Na pesquisa realizada por Miriam Jorge tendo como ênfase discussões relacionadas ao PNL D 2011, nela ela aborda a questão da construção de identidades positivas, afirmando que são múltiplas as identidades dos estudantes da educação básica e essas identidades “[...] podem e precisam ser exploradas nos processos educativos” (JORGE, 2014, p. 73-78)

Nessa perspectiva, faz-se necessário o aprofundamento sobre o assunto, principalmente considerando que, “[...] na atual configuração global, crianças e adolescentes estão habituadas às TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) [...]” e, como sabemos, nem sempre questões raciais e de gênero são abordadas de maneira esclarecedora. Por essa razão, esse assunto precisa ser discutido não apenas nas instituições de ensino superior e nos meios de comunicação, mas também no espaço escolar, onde os sujeitos são diversos e, portanto, o preconceito, o racismo e a discriminação em algum momento serão manifestados (MELO, 2015, p. 161).

Sendo assim, é necessário que, nas escolas do país, se realizem reflexões sobre o conceito de identidade e de gênero, e, para tanto, o professor tem papel fundamental na formação de seus alunos com

o intuito de fazer provocações acerca do tema, gerando discussões e investigações para que, nesse espaço, no qual os sujeitos são diversos, seja possível compreender os conceitos e a necessidade do respeito mútuo, uma vez que “[...] as construções sociais que são feitas sobre determinados grupos, e que foram sendo construídos socialmente e historicamente, possibilitam que um grupo de pessoas tenha privilégios sobre outro grupo de pessoas [...]” e esses privilégios “[...] perpassam pelas questões de raça, gênero, sexualidade e de classe [...]” e, portanto, discutir tais questões em sala de aula é uma maneira eficaz para que os sujeitos se auto(re)conheçam a partir do contexto histórico e das análises feitas no cotidiano, de modo que as discussões tragam reflexões e, principalmente, para que as particularidades sejam respeitadas (FERREIRA, 2014a, p. 91-96, ver também FERREIRA, 2009, 2011, 2014b).

Abordar questões sobre identidade social de raça e de gênero em sala de aula sempre foi um assunto polêmico, assunto a respeito do qual boa parte dos educadores prefere a neutralidade. Ou seja, prefere não falar sobre, principalmente pelo receio de não saber como contornar situações de racismo ou de preconceito e por não terem clareza a respeito, ou ainda por também pertencerem ao grupo que se mantém ativo com ideologias elitistas e conservadoras.

É necessário, porém, considerar que é no espaço escolar que podemos perceber diferentes tipos de “identidades” e de “culturas”, sendo que esses são fatores interligados, e é nessa perspectiva que nós, educadores, nos questionamos sobre qual seria a relação do professor com a formação das culturas e das identidades de seus educandos? (TILIO, 2009, p. 45). Para responder a essa questão, temos a contribuição de Hall (2011), que nos permite compreender que as “identidades” são construídas a partir das relações sociais, da mídia, da cultura familiar e de todas as experiências vivenciadas, e que essas relações é que irão moldar o comportamento, as preferências, as crenças e o modo de ser. Não que isso seja permanente, pois a todo tempo somos expostos a novas situações que, de alguma maneira, interferem na nossa maneira de pensar e agir, ou seja, a construção das identidades é um processo inacabado e o tempo todo estamos em constante transformação, portando incertezas do que somos e do que seremos. Isso está expresso nas seguintes palavras do autor: “[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma

única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2011, p. 10).

Diante do exposto, a seguir abordamos, de maneira breve, alguns conceitos relacionados à identidade social de raça e de gênero e o papel do professor enquanto educador social. A pergunta a que respondemos neste artigo é: Quais são as perspectivas de abordar identidades sociais de raça e de gênero em sala de aula e o papel do professor? A pesquisa é de cunho bibliográfico e realizada a partir dos estudos de Domingues (2005), de Gomes (2005); de Hall (2011), de Ferreira (2011; 2012; 2014c) e de Machado & Paula (2009).

1 IDENTIDADE SOCIAL DE RAÇA E DE GÊNERO E O PAPEL DO/A PROFESSOR/A

1.1 Identidade social de raça e o papel do/a professor/a

Considerando que estamos o tempo todo nos (re)construindo, temos a possibilidade de ter mais que uma identidade ao longo da vida, considerando o fato de que assumimos determinada identidade a partir das nossas vivências. Por essa razão, pensar em uma definição de raça a partir de questões biológicas se torna algo complexo, visto que nos assumimos enquanto identidade de raça conforme nossas vivências. Ferreira (2011) cita Gomes, que nos traz uma ideia acerca do conceito de raça quando afirma que

[...] podemos compreender que as raças são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. (GOMES, 2005, p. 49).

Nessa perspectiva, podemos acreditar que o período escolar influencia significativamente no processo de construção identitária dos alunos e, portanto, trabalhar com questões de raça é de fundamental importância no processo para que o aluno assumira sua identidade racial. Entendemos raça como socialmente, historicamente e culturalmente construída (FERREIRA, 2012). Culturalmente, a questão racial no Brasil assumiu, ao longo do

tempo, certa neutralidade, tanto na literatura como nos discursos da elite, no entanto essa neutralidade – denominada como democracia racial –, é entendida de acordo com “[...] um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação” (DOMINGUES, 2005, p. 116). Temos, porém, registros de que essa neutralidade no discurso e essa igualdade racial estavam apenas nos discursos elitistas. Domingues (2005), em sua pesquisa, intitulada “O Mito da Democracia Racial e a mestiçagem no Brasil”, apresenta essa neutralidade como algo ilusório. Para o autor, na prática do cotidiano essa igualdade estava longe de ser alcançada. Cita como exemplo a questão da negação do direito ao voto, da candidatura para cargos políticos para os negros, de modo que pertenciam ao grupo dos excluídos da sociedade, sendo a justificativa dessa igualdade a ideia de que o negro não conquistava seus anseios por falta de dedicação (DOMINGUES, 2005, p. 117).

Embora muitas lutas já tenham ocorrido em prol de reconhecimento e medidas tenham sido instituídas voltadas a promover a igualdade desde a chegada dos negros escravizados, ainda hoje se fazem necessários debates a respeito do assunto, uma vez que a sociedade ainda carrega heranças culturais de preconceito.

É nessa perspectiva que aqui focamos atenção no professor, para que se torne mediador qualificado de informações, mediador com capacidade de sensibilizar seus alunos para refletir acerca de assuntos voltados ao tema da raça/etnia e assim esses alunos consigam assumir suas identidades sem nenhum receio. Compreendemos assim que é no espaço escolar que podemos acompanhar os avanços e os retrocessos da sociedade, como se fosse um recorte do quadro social geral. Vale ressaltar que essas culturas se modificam com o passar dos anos, modificam-se os sujeitos e, principalmente, suas identidades, alterando de modo significativo também o contexto da cultura escolar (DOMINGUES, 2005, p. 135). No contexto escolar, nele são vários os indivíduos que participam nesse espaço e cada um traz consigo sua história, suas crenças, seus costumes, suas preferências, suas ideias e suas memórias. Então esses atores do âmbito escolar – alunos, professores e demais participantes –, no período de tempo em que ali se relacionam, (re) criam uma nova identidade, seja nova identidade para a própria comunidade escolar

enquanto grupo social, seja uma alteração das próprias identidades individuais em razão dos contatos uns com os outros.

Entendemos, assim, que é na escola que a questão de identidade racial pode assumir um papel fundamental na decisão do sujeito em se assumir enquanto negro ou afrodescendente, branco, pardo ou outro, de maneira construtiva e sem receio, tendo consciência de sua história e olhando de maneira crítica aquilo que lhe é apresentado. Mastrella-de-Andrade & Rodrigues (2014), ao realizarem um estudo acerca da relevância do livro didático de Língua Inglesa para a construção de identidade, defendem a ideia de que “[...] a não inclusão da raça negra nos materiais que dão suporte ao ensino-aprendizagem de línguas contraria o que dizem os documentos oficiais [...]”. No entanto, na análise dos materiais, a pesquisa dos autores nos apresenta a seguinte conclusão: “[...] o que podemos concluir é que o livro didático não traz uma perspectiva inclusiva de identidades, para que os alunos, de diferentes realidades possam se identificar”. Nesse sentido, fica um alerta na importância da sensibilidade do olhar do professor e da possibilidade do debate em sala de aula, não apenas do conteúdo da língua estrangeira, como também das questões raciais (MASTRELLA-DE-ANDRADE & RODRIGUES, 2014, p. 143-158).

Vale destacar que o processo de transformação de ideologias racistas vem conquistando medidas preventivas e direitos, porém estamos a passos lentos de ter de fato a conquista por igualdade em uma sociedade culturalmente travada em ideologias de preconceito, de discriminação e de falta de informação, o que, como consequência, tem gerado a falta de (re)conhecimento de identidade racial de muitas pessoas, principalmente no que se refere à raça negra. Segundo Ferreira (2012):

A relutância da população negra em definir-se como tal sugeriria que existe uma dificuldade para afirmarem sua identidade em termos de sua ascendência, o que mostra, como discutido anteriormente, que a construção da identidade negra no Brasil é um desafio. Eu diria que essa relutância também pode impedi-los de discutir assuntos que dizem respeito a seu próprio interesse, como as ações afirmativas, a baixa porcentagem de pessoas negras que entram na universidade, o baixo número de pessoas negras em cargos de liderança e a

falta de representação de profissionais negros em todas as escalas sociais, etc. (FERREIRA, 2012, p. 197).

Nessa citação, o texto nos permite a reflexão da importância da construção da identidade, pois, uma vez reconhecendo-se ele como negro, o sujeito passa a ter uma nova maneira de analisar aquilo que lhe é apresentado e, principalmente, tem a capacidade de intervir em sua própria realidade.

1.2 Identidade social de gênero e o papel do professor/a

Quando pensamos na questão de gênero enquanto identidade social, então se torna complexo analisar apenas biologicamente, visto que, segundo Louro (1998), o conceito de gênero passa a ser utilizado a partir do entendimento de que não se nasce pronto, mas cada ser humano se (re)cria num movimento contínuo em formação, de modo que nos fica a indagação sobre se é de fato correto discutir relações de gênero em sala de aula!? Segundo os estudos de Louro, podemos compreender gênero a partir da ideia de que

[...] a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista *a priori*. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversas (LOURO, 1998, p. 23).

Nessa perspectiva, discutir questões de gênero requer esclarecimento por parte do professor, para que, durante as aulas, ele possibilite o diálogo com os alunos e a reflexão sobre a formação de identidade no que diz respeito ao gênero, de modo que os educandos possam compreender o que é gênero bem como a multiplicidade de sujeitos na sociedade, o que nos leva a (re)pensar sobre qual seja o nosso papel na sociedade enquanto sujeitos em constante transformação identitária.

A partir dessa análise, podemos compreender que não há um método a ser seguido pelo professor para organizar suas aulas, porém podemos considerar que o professor, enquanto educador social, deve nortear seu trabalho tendo como princípio a construção de propostas pedagógicas que permitam discussões no grupo, elaborando atividades reflexivas que auxiliem na implementação de ações que possibilitem a desconstrução de estereótipos e de

preconceitos construídos historicamente na sociedade, promovendo, assim, uma sociedade pautada em princípios de respeito e de aceitação do outro.

Machado & Paula (2009, p. 7) contribuem para esse entendimento ao abordarem o trabalho do chamado Educador Social como sendo o profissional que busca conciliar teoria e prática em parceria com a comunidade. Seu intuito é estimular os sujeitos de determinado grupo (neste caso nos referimos ao espaço escolar) a pensar sobre suas condições sociais e auxiliá-los na compreensão e na transformação de si e de sua comunidade, a fim de reivindicar seus direitos enquanto cidadãos, adquirindo maneiras diferenciadas de mediação, proporcionando assim “[...] os meios necessários para que os sujeitos historicamente excluídos reflitam criticamente o contexto no qual estão inseridos e reivindiquem seus direitos como cidadãos” (MACHADO & PAULA, 2009, p. 7). Nesse sentido, o professor, enquanto educador social, direciona seus educandos a não estarem alienados aos estereótipos apresentados pela sociedade, e assim são capazes de vivenciar reflexões sobre cultura, história, questões biológicas, entre outros, de modo a compreender de fato qual é seu papel na sociedade, enquanto sujeito com direitos e deveres, que precisam e devem ser respeitados.

Nogueira (2008) contribui para essa discussão no sentido de que, ao trabalhar essas questões em uma “[...] perspectiva de valorização da(s) identidade(s) dos múltiplos sujeitos que convivem no mesmo espaço da escola [...]”, temos a responsabilidade de informar e, ao mesmo tempo, possibilitar que os sujeitos sejam capazes de olhar tanto para a sociedade como também para os livros didáticos, revistas e outros instrumentos de estudo e serem capazes de questionar sobre aquilo que lhes é apresentado, visto que os sujeitos são historicamente (re)conhecidos conforme a sociedade os apresenta “[...] a fim de desconstruir os estereótipos e os estigmas que foram atribuídos historicamente à alguns grupos sociais” (NOGUEIRA, 2008, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução do artigo, informamos que responderíamos à pergunta de pesquisa: Quais são as perspectivas de abordar identidades sociais de raça e de gênero em sala de aula e o papel do professor?

Dessa forma, a partir da análise até aqui realizada, podemos considerar que a escola, como um espaço onde os sujeitos são diversos e existe a preocupação por lhes estimular a autonomia e a reflexão crítica, se torna um ambiente propício a discussões de temas como identidades sociais de raça e de gênero, uma vez que tais assuntos, ao serem discutidos pelo professor e seus alunos, podem levantar questionamentos e esclarecimentos, de modo que essa partilha de informações servirá para que esses alunos se auto(re)conheçam na sociedade enquanto sujeitos, construindo suas identidades de maneira consciente, sem receio ou sem constrangimento de assumir sua identidade na sociedade, com capacidade de refletir criticamente sobre essas questões e sabendo respeitar a diversidade, lutando pelos direitos de igualdade.

Nesse sentido, pensar em um ensino voltado apenas a conteúdos meramente calculados, isso se torna um tanto quanto frágil, visto que esses sujeitos necessitam de (re) criar sua própria identidade social, e o professor, enquanto educador social, tem essa possibilidade de (inter)agir enquanto mediador. Diante dessa possibilidade, um dos princípios pode ser essa reflexão no meio escolar, com a análise dos materiais impressos e com a discussão aberta sobre aquilo que a mídia nos apresenta, sobre o contexto histórico que nem sempre as cartilhas e livros didáticos trazem na íntegra. Essa reflexão deve envolver principalmente a história desse aluno, que tem suas raízes, tem seu olhar crítico e suas expectativas baseadas em suas vivências diárias dentro e fora desse espaço que pode ser transformador, a sala de aula.

Para tanto, cabe ao professor buscar compreender as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História Afro-Brasileira e Africana (Lei Federal nº 10.639/2003). Trata-se de uma política oficial de ação afirmativa que tem como objetivo a implementação de iniciativas pedagógicas que possam possibilitar reflexões e discussões acerca da temática, para conhecimento e a valorização da identidade negra no que se refere à cultura, à história, aos costumes, entre outros fatores.

O livro "As Políticas do Livro Didático e Identidades de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Livros Didáticos" foi um dos materiais analisados para a elaboração desta pesquisa. O livro traz, no primeiro capítulo, questões reflexivas sobre o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e a promoção de igualdade racial. O autor aponta, como resultado de sua pesquisa, a presença de

[...] hierarquização racial e desvalorização do negro presentes nos discursos [...] a estigmatização que pesa de forma peculiar sobre a mulher negra, tratada como objeto e com hipersexualidade [...] as crianças negras são representadas reiteradamente em posições subalternas, de miséria, em lugar de desigualdade, de sofrimento e sem acessibilidade aos bens produzidos socialmente, definindo para as mesmas o espaço social de subalternidade (SILVA, TEIXEIRA & PACÍFICO, 2013, p. 33).

Desse modo, podemos perceber que, embora seja um assunto em pauta nas pesquisas atuais, ainda há muito o que ser discutido para que de fato aconteça a igualdade racial. Como afirmam Tilio & Souto Júnior (2014), a avaliação do PNLD vem contribuindo para melhorias na produção brasileira de materiais didáticos, porém ainda não abrange, de maneira significativa, as questões de gênero e de sexualidade, “[...] quando presente, a temática aparece de forma tímida, e muitas vezes em uma perspectiva biológica que pode acabar se mostrando reducionista, essencializada e perpetuadora de preconceitos” (TILIO & SOUTO JUNIOR, 2014, p. 69).

Desse modo, compreendemos a importância significativa de professores comprometidos com a educação para além dos muros da escola, professores que visem construir uma sociedade mais justa, que tenham um olhar detalhista, que reflitam com seus alunos acerca do que a mídia apresenta, do que é apresentado nos livros didáticos – enfim, que, no cotidiano escolar, possibilitem a (des) construção de preconceitos e de estereótipos.

Sendo assim, pensar sobre possibilidades de atividades, sobre promoção de discussões formais e de pesquisas no espaço escolar torna-se um dos meios para permitir que o ensino alcance a esfera social no sentido de promover a igualdade de direitos e o respeito entre os sujeitos e suas identidades.

SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS

A partir das pesquisas analisadas, podemos verificar que ainda há muito para ser discutido sobre questões raciais e de gênero, principalmente no que se refere ao espaço escolar e ao professor. Nesse sentido, podemos pensar em pesquisas futuras que tragam perspectivas de como esse professor tem se preparado para atender

a essas novas demandas, se de fato esses assuntos são abordados em sala de aula e, se sim, como acontece o processo no que se refere aos alunos, como compreendem essas questões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: SECAD/ME, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889 – 1930). *Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España*. 2005.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe nos livros didáticos de línguas estrangeiras na perspectiva da linguística aplicada. In Aparecida de Jesus Ferreira (Org.) *As Políticas do Livro Didático e Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Livros Didáticos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014a, p.143-158.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de Línguas. *Revista da ABPN* • v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014b.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe nos livros didáticos de línguas estrangeiras na perspectiva da linguística aplicada. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). *As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014c. p. 143-158.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia. *Trabalho em Linguística Aplicada*, v. 51, 2012.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Addressing race/ethnicity in Brazilian schools: a critical race theory perspective*. Seattle, WA, USA: CreateSpace, 2011.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Histórias de professores de línguas e experiências com racismo: uma reflexão para a formação de professores. *Revista Espéculo*, v. 43, 2009.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; FERREIRA, Susana Aparecida. Raça/etnia, gênero e suas Implicações na construção das identidades sociais em sala de aula de Línguas. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 03, nº 02, p. 114-129, ago./dez. 2011.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal*, v. 10639, n. 03, 2005.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora (Reflexões sobre a terra no exterior). In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad.

Identidade Social... - Keila de Oliveira e Aparecida de Jesus Ferreira

Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JORGE, Miriam. Livros didáticos de línguas estrangeiras: construindo identidades positivas. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 73-87.

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MACHADO, Érico Ribas; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A pedagogia social na educação: análise de perspectivas de formação e atuação dos educadores sociais no Brasil. Revista Congr. Intern. Pedagogia Social, mar. 2009.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana; RODRIGUES, Jayfferson Rodrigues. A construção de identidades no livro didático de inglês: classe social, raça e o outro. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

MELO, Glenda Cristina Valim. O LUGAR DA RAÇA NA SALA DE AULA DE INGLÊS. Revista da ABPN • v. 7, n. 17, p. 65-81, 2015.

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. Revista Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, p. 1-7, 2008.

PEREIRA, Ariovaldo. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua estrangeira. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). As políticas do livro didático e Identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 205-223.

RENK, Valquiria Elita. O Estado e as políticas de branqueamento da população nas escolas, nas primeiras décadas do século XX, no Paraná. Acta Scientiarum Education. Maringá, v. 36, n° 2, p. 223-231, 2014.

SILVA, Paulo; TEIXEIRA, Rozana & PACIFICO, Tânia. Programas de distribuição de livros e hierarquias raciais: o que dizem os/as alunos/as negros/as? In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 23-45.

TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de cultura. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Volume VII, número XXVIII, jan./mar. 2009.

TILIO, Rogério & SOUTO JÚNIOR, Hélio Marques de. Gênero e sexualidade em livros didáticos: impactos da avaliação do PNLD? In: FERREIRA, Aparecida

Identidade Social... - Keila de Oliveira e Aparecida de Jesus Ferreira

de Jesus (Org.). As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 47-71.

Submetido em Agosto 2016

Aceito em Novembro 2016

Publicado em Janeiro 2017